

Oralidade e escrita: uma análise construcional diassistêmica

Orality and writing: a constructional diasystematic analysis

Matheus Esteves Leite

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

matheusesteves@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-5027-4910>

RESUMO

Este artigo propõe uma reanálise dos dados apresentados por Leite e Nascimento (2024) sobre a ditongação em sílabas com coda preenchida por /S/ e /l/ no português do Brasil à luz dos pressupostos da Gramática de Construções Diassistêmica. Argumenta-se que as ocorrências podem ser compreendidas como resultado da interação entre modalidades linguísticas integradas em uma mesma rede construcional, refletindo a ativação de esquemas fonológico-grafemáticos entrincheirados. Propõe-se o compartilhamento de modalidades em representações relacionais diassistêmicas. Os resultados sugerem que os chamados "desvios ortográficos" consideram a atuação de mecanismos cognitivos de domínio geral sobre representações fonológico-ortográficas ainda em processo de consolidação, mobilizando a interação entre fonologia, ortografia e uso.

Palavras-chave: Gramática de Construções Diassistêmica; oralidade; escrita; diaconstruções.

ABSTRACT

This article proposes a reanalysis of the data presented by Leite and Nascimento (2024) on diphthongization in syllables with /S/ and /l/ codas in Brazilian Portuguese in light of the assumptions of Diasystematic Construction Grammar. It is argued that these occurrences can be understood as the result of the interaction between linguistic modalities integrated within the same constructional network, reflecting the activation of entrenched phonological-graphemic schemas. It is proposed the sharing of modalities in diasystematic relational representations. The results suggest that so-called *orthographic deviations* consider the operation of domain-general cognitive mechanisms on phonological-orthographic representations that are still undergoing consolidation, thereby indicating the interaction among phonology, orthography, and language use.

Keywords: Diasystematic Construction Grammar; orality; writing; diaconstructions.

INTRODUÇÃO

A relação entre oralidade e escrita constitui um tema recorrente em diferentes campos da Linguística, tendo recebido especial atenção nos estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística Textual, da Linguística Interacional e dos estudos do discurso. Mais recentemente, essa relação também tem sido investigada sob uma perspectiva cognitiva, especialmente em pesquisas voltadas para a representação e o processamento da linguagem (Perfetti, 2007; Treiman, 2017; Moraes; Kolinsky, 2015).

Embora oralidade e escrita possam, em instâncias outras, constituir modalidades distintas de realização da linguagem em diferentes frentes de investigação, organizadas segundo convenções e restrições próprias, estudos em Psicolinguística têm demonstrado que ambas não operam de forma totalmente independente. Ao contrário, compartilham representações fonológicas e ortográficas e mobilizam mecanismos cognitivos parcialmente comuns durante o processamento linguístico, preservando, contudo, suas especificidades funcionais e estruturais (Goody, 1986; Olson, 1994; Ong, 1982). Sob essa perspectiva, fala e escrita não se configuram como sistemas rigidamente autônomos, mas como manifestações complementares de um repertório linguístico — no sentido sociolinguístico de modalidades e registros — continuamente moldado pelas experiências ricas de uso dos falantes¹.

No âmbito do português brasileiro (PB), as produções escritas que incorporam traços fonético-fonológicos característicos da oralidade constituem um dos contextos em que a interação entre fala e escrita se torna mais visível, sem que isso implique restringir essa interação às chamadas grafias não convencionais. Entre esses fenômenos, destacam-se os casos de representação gráfica da ditongação em sílabas cuja coda é preenchida por /S/ ou /l/, observáveis em registros como *treis* (cf. <três>), *nois* (cf. <nós>), *feis* (cf. <fez>), *mau* (cf. <mal>) e *auto* (cf. <alto>).

Tradicionalmente, tais ocorrências são classificadas como desvios em relação às convenções ortográficas da língua, uma vez que não correspondem às formas prescritas pelo sistema ortográfico vigente. Essa classificação, entretanto, não impede que sejam

¹ Embora a linguagem humana possa desenvolver-se independentemente da escrita, a experiência com práticas letradas passa a integrar o conhecimento linguístico dos indivíduos alfabetizados, favorecendo interações contínuas entre representações fonológicas e ortográficas.

analisadas sob uma perspectiva linguística, como manifestações de processos fonético-fonológicos e cognitivos que orientam a produção escrita. Assim, o reconhecimento de seu estatuto normativo não exclui a investigação dos mecanismos que motivam sua emergência.

Apesar de os avanços proporcionados pelas abordagens sociolinguísticas e psicolinguísticas para a compreensão das relações entre oralidade e escrita, permanece pouco explorada a possibilidade de modelar essas interações como parte de uma única rede de representações linguísticas. Nesse contexto, o presente trabalho propõe uma reanálise dos dados apresentados por Leite e Nascimento (2024)², buscando reinterpretá-los à luz de uma perspectiva cognitivo-funcional³, mais especificamente da Gramática de Construções Diassistêmica (GCD) (Höder, 2012; 2014; 2018; 2019).

Fundamentada no paradigma da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Goldberg, 1995; 2006; Diessel, 2019; Hilpert, 2019; Hoffmann, 2022), essa abordagem parte do pressuposto de que o conhecimento linguístico é organizado em uma única rede construcional, na qual diferentes línguas, variedades, registros e modalidades coexistem e estabelecem relações de compartilhamento estrutural. Em consequência, nessa perspectiva, fenômenos tradicionalmente compreendidos como interferências ou desvios são reinterpretados como manifestações da interação entre construções (mais ou menos compartilhadas) pertencentes a um *constructicon* diassistêmico.

Como justificativa, a este trabalho, optou-se por incorporar a conjuntura teórica da GCD, porque essa teoria se encarrega de oferecer às análises construcionais um aparato interessante de representação sobre como construções pertencentes a modalidades experienciais distintas permanecem parcialmente compartilhadas e específicas dentro de um único *constructicon*. Desse modo, o interesse da investigação consiste em uma tentativa de representar como conhecimentos associados à oralidade e à escrita podem coexistir em uma única rede construcional sem perder suas especificidades experienciais.

Partindo dessa premissa, argumenta-se que as ocorrências de ditongação registradas na escrita dos dados aqui analisados (cf. seção 3) não emergem meramente em evidências de inadequação ortográfica *per se*, mas, contrariamente, possam evidenciar uma ativação de esquemas fonológico-grafemáticos entrincheirados, resultantes da

² A pesquisa dos autores é oriunda de um Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado pelo primeiro autor e orientado pelo segundo.

³ No manuscrito original, os autores se valeram de uma análise sociolinguística.

experiência linguística acumulada pelos falantes, inclusive com a escrita. Entende-se, assim, a emergência dessas formas como efeito natural da articulação entre padrões associados à oralidade e a convenções próprias da escrita, ambos representados em uma mesma arquitetura cognitiva.

O objetivo deste artigo, portanto, consiste em investigar em que medida os dados podem ser reinterpretados à luz da Gramática de Construções Diassistêmica. Para tanto, realiza-se uma análise qualitativa dos registros reunidos por Leite e Nascimento (2024), procurando lançar luz a como a relação dessas duas modalidades linguísticas toma parte da constituição dos padrões observados, no sentido de evidenciarem a dinamicidade da mente no tocante à estocagem de informações linguísticas, em especial advindas da escrita. Ao fazê-lo, pretende-se, adicionalmente, contribuir para uma compreensão centrada no uso da interface entre oralidade e escrita, bem como para o aprofundamento das discussões acerca do papel da experiência linguística na organização do conhecimento gramatical.

Por isso, além desta introdução, o artigo apresenta, a seguir, uma discussão sobre o *continuum* entre fala e escrita; posteriormente, discorre sobre os fundamentos teóricos da Gramática de Construções Diassistêmica. Desenha, em seguida, os procedimentos metodológicos adotados, analisando os dados reexaminados; e, por fim, tece as considerações finais decorrentes da investigação.

O CONTINUUM FALA E ESCRITA

Historicamente, a relação entre oralidade e escrita evoca-se como um contraste entre duas modalidades distintas de realização da linguagem. Caminhando em uma direção oposta, estudos contemporâneos no âmbito da Psicolinguística têm demonstrado que essa oposição contundente não descreve adequadamente o funcionamento linguístico, uma vez que fala e escrita imbricam-se em relações contínuas de influência mútua e compartilham diversos recursos cognitivos e comunicativos (Perfetti, 2007; Treiman, 2017; Morais; Kolinsky, 2015). Nesse sentido, mais do que modalidades linguísticas, ambas constituem práticas sociais e linguísticas interligadas, que se organizam de acordo com as demandas comunicativas dos diferentes contextos de uso.

Para Marcuschi (2007; 2010), é inadequado conceber fala e escrita como sistemas dicotômicos, mas, sim, como manifestações de uma mesma competência linguística que se distribuem ao longo de um *continuum* de práticas comunicativas. Essa perspectiva, então, abre espaço para reconhecer que muitos textos escritos apresentam características associadas à oralidade, enquanto determinados eventos de fala incorporam propriedades convencionalmente relacionadas à escrita, sobrepondo-se umas às outras, revelando a gradualidade permeável das “fronteiras” entre essas modalidades.

É importante destacar, dentro desse viés, que a fala constitui a forma mais imediata de interação linguística e resulta dos processos de socialização natural do indivíduo em uma comunidade de fala. Logo, a aquisição típica da linguagem falada ocorre espontaneamente, sem necessidade de instrução formal, por meio da exposição contínua aos usos linguísticos presentes no ambiente social (Bortoni-Ricardo, 2006). Antagonicamente, a escrita corresponde a uma invenção tecnológica cultural, cuja apropriação depende da circunscrição a processos de escolarização e letramento, ou seja, seu domínio demanda do indivíduo não apenas o conhecimento das convenções ortográficas, mas também a compreensão de princípios discursivos, textuais e normativos que regulam sua utilização em diferentes gêneros e situações comunicativas (Mollica; Loureiro, 2008).

Kato (2004) propõe que a relação contínua entre fala e escrita seja compreendida como um processo dinâmico de influências recíprocas. Isso porque, nos estágios iniciais da alfabetização, a escrita tende a refletir de maneira mais direta aspectos da fala, uma vez que o aprendiz busca representar graficamente aquilo que percebe auditivamente. À medida que o letramento se desenvolve, os indivíduos tendem a construir representações ortográficas progressivamente mais estáveis e a ampliar seu conhecimento das convenções da escrita. Esse processo pode favorecer uma distinção mais consistente entre as propriedades fonéticas da fala e as convenções ortográficas da língua, embora essa competência seja desenvolvida em graus variados entre os falantes e não implique uma separação completa entre representações fonológicas e ortográficas, que continuam a interagir durante o processamento linguístico. Por conseguinte, a escrita convencional passa também a exercer, nos grupos sociolinguísticos que experimentam instrução formal, influência sobre determinadas práticas de oralidade, sobretudo em contextos mais monitorados.

Sob essa perspectiva, toda essa interação relacional indica que a escrita não constitui uma simples transcrição da fala: embora o sistema alfabético latino estabeleça relações entre sons e letras, a ortografia do PB não foi pensada para representar fielmente todas as variações fonéticas presentes na língua, visto que a correspondência entre letra e som não é unicamente objetiva (Lemle, 1982). Ao contrário, seu funcionamento fundamenta-se predominantemente em princípios convencionalmente fonêmicos, cujo objetivo é garantir relativa estabilidade gráfica diante da ampla diversidade de pronúncias existentes entre regiões do território nacional.

Nesse cenário, muitos fenômenos fonético-fonológicos presentes na oralidade não encontram, recorrentemente, correspondência direta na escrita padrão. Como consequência, é comum que indivíduos com menor grau de letramento – mas não somente – produzam registros gráficos que refletem padrões fonéticos característicos de suas variedades linguísticas, configurando desvios de ortografia diante da norma-padrão. No entanto, vale a pena refletir que essas ocorrências não devem ser interpretadas única e exclusivamente como falhas ou desvios, mas como possíveis evidências do modo como os falantes estabelecem, cognitivamente, relações entre os conhecimentos fonológicos internalizados e as convenções ortográficas adquiridas, ao longo de sua experiência, da língua em particular – que, no caso desta investigação, é o PB.

Sob uma perspectiva dos modelos baseados no uso (MBU), é plausível pensar que essa aproximação entre fala e escrita resulta da interação entre experiências linguísticas acumuladas pelos falantes ao longo de sua trajetória, via memória rica (Bybee, 2010). Se é assim, as representações linguísticas, portanto, emergem da frequência de uso e da exposição recorrente a diferentes padrões estruturais. Melhor dito, formas fonéticas tendem a influenciar processos de escrita, especialmente, quando as convenções ortográficas ainda não se encontram plenamente consolidadas.

Nessa esteira, a passagem da modalidade oral para a escrita envolve, desse modo, operações cognitivas complexas que solicitam do falante, experiente com a escrita ou não, a articulação entre diferentes níveis de representação linguística, formando uma relação cujos domínios de representação interagem frequentemente. Dado que, para escrever de acordo com as convenções da língua, torna-se necessário reconhecer que os sons percebidos na fala não correspondem necessariamente às formas gráficas estabelecidas pela ortografia vigente: esse processo demanda o desenvolvimento gradual de

conhecimentos aprofundados sobre as relações entre fonemas, grafemas e padrões convencionais de escrita (Morais, 1991; Scliar-Cabral, 2023).

Cumprе salientar, ademais, que, no âmbito deste artigo, a discussão assume certo protagonismo, tendo em vista que os dados analisados apontam justamente a interposição de processos fonético-fonológicos na representação gráfica de palavras do PB. Em outras palavras, registros como a inserção de [j] em contextos de ditongação relacionados ao arquifonema /S/ ou a vocalização de /l/ por [w] em posição de coda ilustram como determinadas características da fala projetam-se para a escrita⁴. Em virtude disso, essas ocorrências revelam o entrecruzamento constante entre as duas modalidades e demonstram que a produção escrita constitui um espaço privilegiado para observar a interação entre conhecimento fonológico e convenções ortográficas, ambos mediados pela experiência linguística.

Trocando em miúdos, compreender a relação integrada entre fala e escrita implica reconhecer não apenas suas diferenças estruturais (formais) e funcionais, mas também os mecanismos de interação que as aproximam. Por esta razão, a análise dessas relações pode contribuir para explicar a emergência de formas gráficas influenciadas pela oralidade, fornecendo alguns subsídios para a compreensão dos processos envolvidos na aquisição e no desenvolvimento da escrita no PB.

Considerando, ainda, que os fenômenos investigados envolvem a coexistência e a interação entre as muitas variedades e modalidades da língua(gem), faz-se relevante recorrer a um modelo baseado no uso de representação linguística capaz de integrar, em uma mesma rede arquitetônica, os aspectos de variação e uso de diferentes modalidades linguísticas, a saber, a Gramática de Construções Diassistêmica. Desse modo, a próxima seção dedica-se à apresentação dos seus fundamentos, destacando seus principais conceitos e suas contribuições para a análise dos dados aqui examinados.

A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIASSISTÊMICA

⁴ Embora se trate de processos fonético-fonológicos distintos, ambos são reunidos, neste trabalho, porque compartilham a projeção de padrões fonológicos recorrentes da oralidade sobre representações ortográficas ditongadas.

A Gramática de Construções Diassistêmica (GCD) constitui um corolário da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Goldberg, 1995; 2006; Diessel, 2019; Hilpert, 2019; Hoffmann, 2022). Desenvolvida por Höder (2012; 2014; 2018; 2019), este modelo emerge com o objetivo de descrever fenômenos relacionados ao contato linguístico, apostando na coexistência de uma única rede formulada a partir de entradas, a princípio e no nível da experiência, distintas. Diferentemente de abordagens que concebem as línguas como sistemas autônomos e independentes (Weinreich, 1964), a GCD parte do pressuposto de que o conhecimento linguístico dos falantes é organizado em um único *constructicon*, no qual se integram construções oriundas de diferentes línguas, variedades, registros e modalidades linguísticas.

Como modelo baseado no uso, a GCD compartilha a concepção de que a gramática surge da experiência linguística e da atuação de processos cognitivos de domínio geral (PCDG), a saber, categorização, analogia, abstração, generalização, associação transmodal, entrincheiramento, entre outros (Langacker, 1987; Bybee, 2010). Nessa perspectiva, a língua(gem) não é entendida como um sistema pré-determinado por princípios inatos⁵ específicos — conforme postulam os modelos formalistas —, mas como um conhecimento construído gradualmente a partir das experiências de uso vivenciadas contextual e comunicativamente pelos falantes.

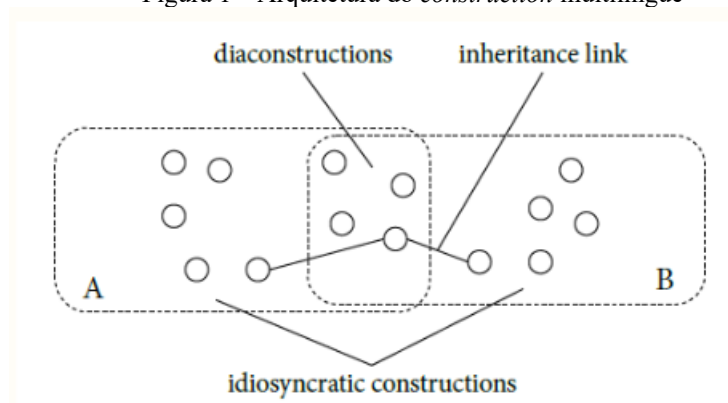
A principal contribuição da GCD consiste, portanto, em levar às últimas consequências a premissa baseada no uso de que toda experiência linguística participa da constituição da gramática. Assim, se os falantes estão constantemente expostos a muitas variedades, registros, modalidades e línguas (Freitas Jr. *et al.*, 2022), a teoria aposta na ideia de que tais conhecimentos sejam armazenados em compartimentos independentes. Por conseguinte, a gramática deve ser concebida como um sistema integrado e dinâmico, continuamente remodelado pelas experiências linguísticas acumuladas ao longo da vida (Höder, 2012).

Um dos princípios centrais da GCD é a noção de *constructicon* multilíngue. Segundo Höder (2018), os falantes organizam todo o seu conhecimento linguístico em uma única rede construcional, independentemente das fronteiras tradicionalmente estabelecidas entre as línguas, rompendo com perspectivas que assumem a existência de gramáticas separadas para cada uma. Além disso, defende também que as construções são

⁵ Não se trata, nesse caso, de um modelo inatista tal qual proposto pela gramática gerativa.

armazenadas em um repertório comum, cuja organização decorre da similaridade percebida e dos processos de abstração promovidos pela cognição humana, conforme ilustra a figura a seguir.

Figura 1 – Arquitetura do *construction* multilíngue



Fonte: Höder, 2014, p. 20.

Nessa concepção, as categorias linguísticas não são delimitadas por critérios estritamente estruturais, mas se manifestam das regularidades identificadas pelos falantes em suas experiências de interação. Consequentemente, construções provenientes de diferentes línguas, variedades — ou modalidades, conforme defende este artigo — podem estabelecer relações de proximidade e compartilhamento dentro da mesma rede cognitiva, abarcando, também, “práticas letradas que se aproximam de suas contrapartes no âmbito da fala” (Freitas Jr. *et al.*, 2022, p. 615). Essa organização do *constructicon* multilíngue resulta, portanto, da atuação dos PCDG, os quais permitem que os falantes reconheçam tanto semelhanças quanto especificidades entre diferentes padrões linguísticos e as representem ou categorizem. Desse modo, a gramática passa a refletir a heterogeneidade naturalmente inerente às experiências linguísticas dos indivíduos, incluindo a oralidade e a escrita.

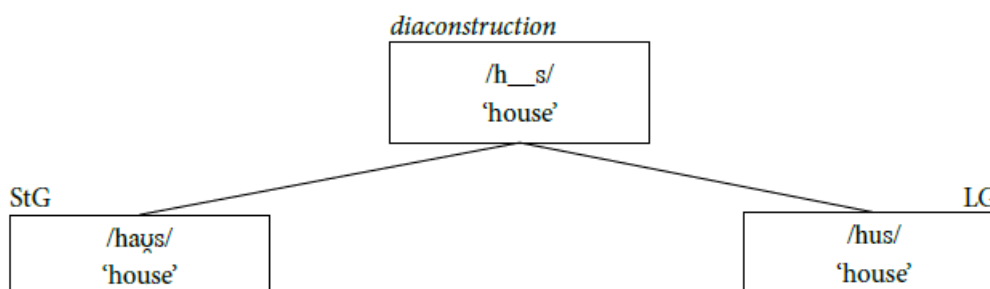
Para explicar a coexistência entre padrões compartilhados e específicos no *constructicon* multilíngue, a GCD propõe a distinção entre diaconstruções e idioconstruções. As idioconstruções, primeiramente, correspondem às realizações mais específicas e convencionalizadas de construções linguoespecíficas, apresentando, intrinsecamente, propriedades formais e funcionais particulares, vinculadas a determinados contextos de uso, comunidades linguísticas ou práticas comunicativas. Em

outras palavras, as idioconstruções carregam informações que permitem aos falantes associar determinados padrões linguísticos a contextos sociais específicos.

As diaconstruções, por sua vez, correspondem a esquemas construcionais inespecíficos, abstraídos por generalizações cognitivas construídas a partir da identificação de regularidades recorrentes entre diferentes experiências linguísticas. Em função de seu elevado grau de esquematicidade, as construções diassistêmicas neutralizam/opacificam associações convencionais a contextos sociocomunicativos particulares.

Höder (2014, 2018, 2019) ilustra o conceito de diaconstrução com o par *Haus* (alemão padrão) e *Hus* (baixo-alemão). Essas formas correspondem a idioconstruções distintas, cada uma convencionalizada em sua respectiva variedade, mas que podem ser integradas por uma diaconstrução mais esquemática, responsável por capturar as correspondências formais e funcionais percebidas pelo falante multilíngue. A diaconstrução não substitui as idioconstruções nem elimina suas especificidades, mas representa um nível de abstração que permite modelar, em uma única rede construcional, o conhecimento compartilhado entre diferentes línguas ou variedades, conforme ilustra a figura a seguir.

Figura 2 – Diaconstrução do alemão baixo (LG) e do padrão (StG)



Fonte: Höder, 2014, p. 21.

Nesse contexto da GCD, tanto as idioconstruções quanto as diaconstruções coexistem em uma gramática integrativa e não modular, relacionando-se por meio de *links* de herança — ou diassistêmico, em termos da própria teoria. Novamente, enquanto as primeiras representam padrões com instancias específicas, as segundas correspondem a construções inespecíficas. Essa organização conexionalista em rede abre um potencial espaço para explicar simultaneamente a existência de convergências e divergências entre

diferentes sistemas ou modalidades linguísticas, sem recorrer à hipótese rigidamente contundente de gramáticas independentes.

A GCD assume, assim, que a variação linguística, longe de um elemento periférico da gramática, constitui uma consequência natural da diversidade de experiências linguísticas que moldam o *constructicon*, dentre elas, o contato com a escrita, mais especificamente, os “usos típicos da modalidade oral que são transpostos para a escrita na mesma língua” (Freitas Jr. *et al.*, 2022, p. 615). Nesse viés, estão abarcados fenômenos tradicionalmente interpretados como interferência/transferência, passando a ser compreendidos como próprios reflexos da interação entre construções presentes em uma mesma rede cognitiva – configurando, *a posteriori*, possíveis processos de supergeneralização (Freitas Jr. *et al.*, 2022; Soares, 2018).

Sob essa perspectiva, produções que divergem das convenções esperadas não representam necessariamente, em um primeiro olhar, falhas de aquisição ou desvios em relação a um sistema idealizado. Antes, é possível que emergjam como evidências empíricas fortemente viáveis para supor o modo como diferentes construções interagem, competem e se reorganizam no repertório linguístico dos falantes. Nessa mesma direção, ao enfatizar a integração entre experiência linguística, cognição e uso, a GCD propõe uma visão dinâmica da gramática, segundo a qual o conhecimento linguístico está em constante processo de reorganização, isto é, a gramática surge como resultado das múltiplas experiências vivenciadas pelos falantes em diferentes contextos sociocomunicativos.

Os pressupostos da GCD caracterizam uma posição central à análise desenvolvida neste trabalho, porque, partindo da assunção de que os fenômenos investigados envolvem a relação entre oralidade e escrita, bem como a influência de padrões fonético-fonológicos sobre a representação gráfica das palavras, a utilização de um modelo que abarca a descrição da interação entre diferentes formas de experiência linguística torna-se um tanto quanto exequível. Nessa perspectiva, as ocorrências de ditongação em contextos de coda preenchida por /S/ e /l/, refletidas em produções escritas, podem ser interpretadas como manifestações da interação entre construções associadas a diferentes práticas de uso da língua, pois, em vez de serem tratadas exclusivamente como desvios ortográficos, essas manifestações são hipotetizadas como evidências da atuação de um *constructicon* heterogêneo, no qual conhecimentos relacionados à oralidade e às convenções

ortográficas da escrita coexistem e estabelecem relações de aproximação e competição (Freitas Jr. *et al.*, 2022; Goldberg, 2019).

A adoção da GCD pode permitir, desse modo, analisar esses fenômenos a partir de uma perspectiva cognitivo-funcional, fornecendo um aparato teórico capaz de explicar como diferentes padrões fonológicos e ortográficos se articulam em uma mesma rede construcional.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de natureza descritivo-interpretativa, cujo objetivo consiste em reanalisar os dados apresentados por Leite e Nascimento (2024) sobre a representação gráfica da ditongação em sílabas com coda preenchida por /S/ e /l/ no PB⁶. Diferentemente do trabalho original, fundamentado predominantemente em pressupostos sociolinguísticos, a presente investigação busca interpretar tais ocorrências à luz da GCD, enfatizando as relações entre oralidade, escrita e experiência linguística no processo de convencionalização de padrões construcionais.

O *corpus* aqui analisado é constituído por dezessete (17) dados reunidos pelos autores, os quais são, quanto à ditongação de /S/, “mas”, “pôs”, “três”, “fez”, “desfez”, “nós” e “vós”; em relação a /l/, “mal”, “alto”, “salgadinho”, “estatal”, “revoltas”, “solte”. Esse conjunto contempla ocorrências coletadas em diferentes contextos da língua em uso, incluindo publicações em redes sociais, mensagens veiculadas em ambientes digitais e produções escritas de indivíduos pertencentes a distintos níveis de escolarização, quais sejam, o Ensino Fundamental (1 (um) dado) e Ensino Superior (1 (um) dado). O estudo original tinha como propósito investigar o impacto de processos fonético-fonológicos sobre a escrita não padrão do PB, focalizando a inserção da letra <i> em sílabas travadas pelo arquifonema /S/ e a representação gráfica do fonema /l/ por meio da letra <u>, em contextos suscetíveis à ditongação.

Segundo os autores, o *corpus* foi construído a partir de ocorrências extraídas de produções que circularam no domínio virtual, bem como por textos produzidos por um

⁶ O objetivo deste estudo não consiste em demonstrar quantitativamente a produtividade dos padrões analisados, mas em investigar sua plausibilidade como evidências compatíveis com uma interpretação construcional diassistêmica.

aluno do 6º ano do Ensino Fundamental e por uma graduanda em Letras⁷. Os dados foram descritos com base em três variáveis principais: (i) gênero textual, (ii) extensão do vocábulo e (iii) tonicidade da sílaba em que se encontravam os segmentos /S/ e /l/, conforme se observa na tabela a seguir:

Tabela 1 – Dados do *corpus*

Gênero do texto-base	Quantidade de textos	Ocorrências de ditongação na escrita	
		Diante de /S/em coda	Diante de /l/ em coda
Textos de um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental	6	3	5
Textos de uma aluna do Ensino Superior	1	1	-
Anúncios	1	1	-
Status/Conversas da rede social <i>Whatsapp</i>	3	-	3
Publicações na rede social <i>Facebook</i>	2	2	-
Publicações na rede social <i>Instagram</i>	2	1	1
Total		8	9

Fonte: Leite e Nascimento (2024, p. 145).

Embora as variáveis propostas pelos autores permaneçam relevantes para a contextualização dos dados, o foco analítico aqui recai sobre a maneira como os registros escritos podem refletir a interação entre as modalidades de fala e de escrita. Parte-se, assim, do pressuposto de que as formas observadas podem ser interpretadas como manifestações fiéis de relações estabelecidas por aquelas modalidades, o que permite viabilizar o argumento de que as ocorrências de ditongação registradas na escrita são possíveis evidências desta interação: padrões fonéticos relacionados às convenções ortográficas da escrita.

A análise dos dados foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, baseada na identificação e interpretação dos esquemas fonológicos subjacentes às ocorrências registradas. Para tanto, buscou-se verificar a hipótese de que os padrões fonológicos associados à ditongação possam, em alguma medida, ser compreendidos como construções ou como partes de construções armazenadas na rede linguística dos falantes e como essas representações influenciam a produção escrita, assumindo que fala e escrita sejam amostras que entram em contato na experiência dos falantes.

⁷ Os protocolos éticos de pesquisa foram atentamente seguidos, sendo os informantes submetidos ao TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

A reanálise foi conduzida em quatro etapas sucessivas. Inicialmente, procedeu-se à identificação dos contextos fonológico-ortográficos em que se verificavam representações gráficas compatíveis com processos de ditongação descritos para o português brasileiro. Em seguida, esses registros foram comparados às descrições fonético-fonológicas presentes na literatura especializada, buscando verificar a existência de padrões recorrentes entre realização fonética e representação gráfica. Na terceira etapa, esses padrões foram reinterpretados à luz da Gramática de Construções Diassistêmica, mediante a identificação de propriedades formais compartilhadas passíveis de motivar esquemas construcionais mais abstratos. Por fim, propôs-se uma representação hipotética dessas relações por meio de redes diassistêmicas, cuja função consiste em explicitar os possíveis vínculos entre representações fonológicas e ortográficas armazenadas no *constructicon*.

A metodologia adotada, longe de quantificar a frequência das ocorrências ou estabelecer correlações estatísticas entre variáveis, visa compreender os mecanismos construcionais que regulam a emergência dos padrões observados. O interesse central, portanto, está para a interpretação da relação entre oralidade e escrita como resultado da interação entre construções pertencentes a diferentes níveis de abstração e vinculadas a distintas experiências de uso da língua.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados analisados apontam que a representação gráfica da ditongação em sílabas com coda preenchida por /S/ e /l/ não configura um fenômeno aleatório, tampouco exclusivamente pela insuficiência de apropriação das convenções ortográficas. Ao contrário, as ocorrências outrora identificadas pelos autores responsáveis sugerem a atuação de padrões fonológicos recorrentes na experiência linguística dos falantes, os quais emergem na escrita sob a forma de registros que refletem características da oralidade.

Dos 17 (dezessete) dados examinados, 8 (oito) apresentam a ditongação da coda /S/, e 9 (nove), a vocalização de /l/. No primeiro grupo, manifestam-se itens lexicais monossilábicos (com exceção de <desfez>), como *mais* ([ˈmajʃ]), *pois* ([ˈpojʃ]), *feis* ([ˈfejʃ]), *desfeiz* ([diʃˈfejʃ]), *nois* ([ˈnoʃʃ]), *vois* ([ˈvoʃʃ]) e, por duas vezes, *treis* ([ˈtrejʃ]),

distribuindo-se pelos seguintes gêneros: i) publicações nas redes sociais *Facebook* (2) e *Instagram* (1); ii) anúncio (1); e iii) textos produzidos por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental (3) e por uma discente do Ensino Superior (1)⁸.

No segundo grupo, as grafias se apresentaram nos gêneros: i) textos produzidos por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental (5); ii) *status* e conversa da rede social *Whatsapp* (3); e iii) publicação na rede social *Instagram* (1), identificadas como *auto* ([ˈawto]), *salgadinho* ([sawgaˈdʒĩɲu]), *estatal* ([iʃtaˈtaw]), *revoltas* ([xeˈvɔwtaj]), *mau* ([ˈmaw]) – ocorrendo duas vezes –, e *soute* ([ˈsɔwtʃɪ]) – ocorrendo três vezes –, às quais são incorporados elementos fonéticos frequentemente presentes na fala. Em todos esses casos, verifica-se a inserção gráfica de segmentos que correspondem a realizações amplamente difundidas em variedades do PB. Assim, o fato de tais registros ocorrerem em diferentes contextos e gêneros textuais sugere, adicionalmente, a existência de regularidades cognitivas subjacentes – e não de desvios episódicos e casuais.

Sob a perspectiva utilizada por esta pesquisa, essas ocorrências parecem emergir como possíveis efeitos da interação entre diferentes construções armazenadas no *constructicon* dos falantes. Isso se dá devido ao fato de que a produção escrita mobiliza e recruta, simultaneamente, conhecimentos relacionados às convenções ortográficas e padrões fonológicos fortemente entrincheirados pela experiência de uso. Quando tais padrões entram em competição, formas associadas à oralidade podem condicionar, em alguma medida, a representação gráfica dos vocábulos.

Nessa perspectiva, a análise dos dados lança mão da observação de que os registros escritos podem viabilizar, em maior ou menor grau, experiências linguísticas acumuladas ao longo da trajetória dos usuários da língua. Em variedades do PB, especialmente naquelas em que a palatalização de /S/ em coda é produtiva — como o dialeto carioca —, a sequência formada por vogal seguida de fricativa em final de sílaba frequentemente apresenta realização fonética acompanhada de um *glide* ([j]) (Seara; Nunes; Lazzarotto-Volcão, 2015). Na mesma direção, sílabas cuja coda constitui-se de uma lateral alveolar (/l/) se manifestam, foneticamente, com a semivogal labiovelar [w], impactando, igualmente, a sua transposição para a escrita.

Nesse contexto, formas como *três* e *estatal* são constantemente produzidas na fala com configurações fonéticas que favorecem a percepção de um ditongo. Quando o falante

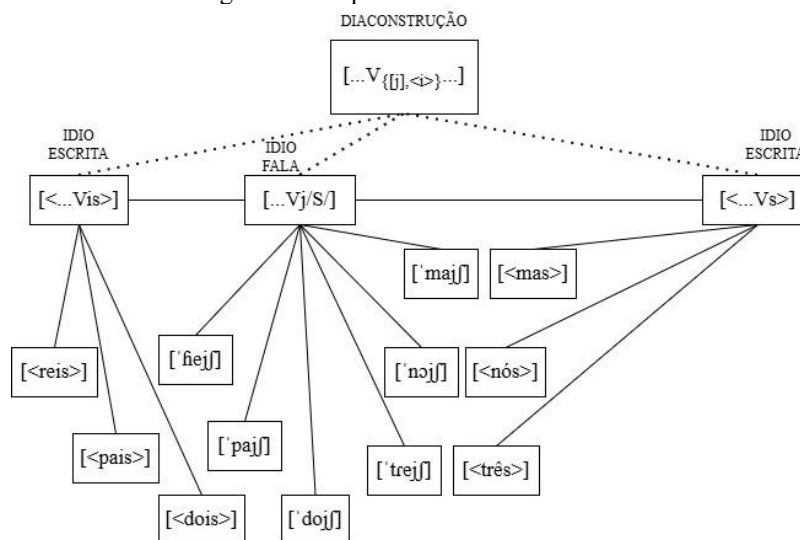
⁸ Os números em parênteses se relacionam à quantidade de vezes em que o dado ocorreu no gênero textual.

busca representar graficamente essas palavras, pode, ocasionalmente, recorrer a padrões fonológicos que fazem parte de sua experiência linguística imediata. Em decorrência disso, o resultado é a emergência de grafias como *treis* e *estatau*, que expressam relações estabelecidas entre diferentes níveis de representação linguística.

Do ponto de vista da teoria sobre a qual este trabalho se debruça, essas realizações podem pôr em evidência que a escrita do falante alfabetizado não se desenvolve, *a priori*, de maneira independente da oralidade. Paralelamente, ambas integram um mesmo repertório linguístico, constituído por construções que surgem do uso e se organizam em uma rede cognitiva compartilhada. Além disso, a literatura sociolinguística (Callou, 2009; Leiria, 2000; Mello, 1994) aponta elevada frequência da ditongação diante de /S/ em determinadas variedades do PB, o que permite hipotetizar representações fortemente entrincheiradas (Bybee, 2010).

Não obstante, os resultados também corroboram a ideia de que embora fala e escrita constituam, *a priori*, modalidades distintas de realização da linguagem, elas compartilham parcialmente representações linguísticas. Conforme discutido anteriormente, a escrita do PB fundamenta-se em princípios predominantemente fonêmicos, e não fonéticos — entendendo-se, em última instância, que sua organização é motivada pelo princípio da economia representacional, segundo o qual um conjunto limitado de grafemas representa unidades fonológicas abstratas, em vez de registrar toda a variabilidade fonética da fala. Em consequência, muitas realizações da fala não encontram correspondência direta na ortografia convencional.

Essa análise culmina no fato de que as ocorrências analisadas tornam visível um espaço de tensão entre os dois domínios: de um lado, a ortografia prevê formas como *três*, *nós*; *mal* e *revoltas*; de outro, a experiência com o detalhe fonético dos falantes favorece realizações como *treis*, *nois*; *mau* e *revoutas*. Isso posto, a emergência dessas grafias parece demonstrar que a escrita é atravessada por diferentes conhecimentos linguísticos, os quais podem ser ativados simultaneamente durante a produção textual, como se observa na figura a seguir.

Figura 3 – Proposta de diassistema de /S/⁹

Fonte: Elaboração própria.

Sob um olhar *top-down*, no topo da rede, encontra-se uma macroconstrução, isto é, um esquema mais abstrato, representado por [...V_{[j],<i><S></i>}...], que configura, conforme se argumenta, uma diaconstrução, capturando os pontos em comum das propriedades compartilhadas pelas realizações linguísticas, isto é, pelas questões fonéticas (oralidade) e o sistema de escrita (ortografia). Nesse caso, a generalização parece envolver sequências fonológicas VS (vogal + /S/) em posição final de sílaba.

Abaixo desse nível mais abstrato, aparecem construções intermediárias (ou mesoconstruções): [<...Vis>]_{ESCRITA}, [...Vj/S/]_{FALA} e [<...Vs>]_{ESCRITA}. Cada uma delas representa um padrão parcialmente esquemático que organiza diferentes exemplares. Cumpre frisar que o aspecto mais interessante é que esses nós fazem a mediação entre a representação escrita, indicada pelos parênteses angulares, e a representação fonética, indicada pelos colchetes.

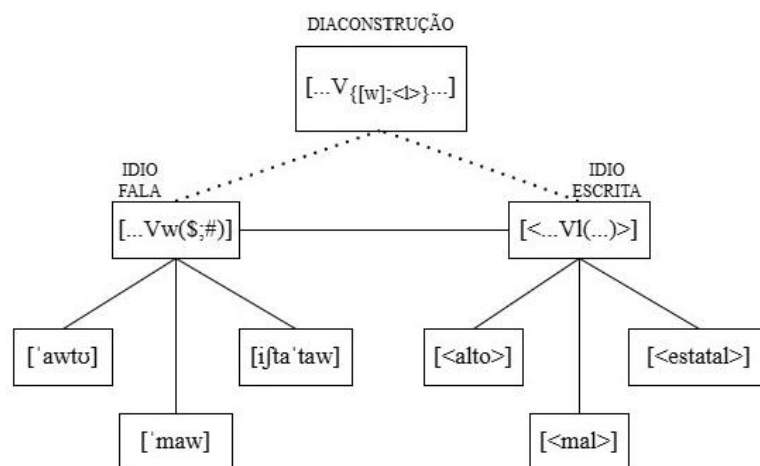
Nos níveis inferiores, encontram-se os construtos, isto é, os itens específicos, como <reis>, <pais>, <dois>, <nós>, <três>, <mas> (formas gráficas); ['hejʃ], ['pajʃ], ['dojʃ], ['nojʃ], ['trejʃ], ['majʃ] (formas fonéticas). Desse modo, a rede põe em evidência o fato de que palavras graficamente distintas podem convergir para padrões fonológicos

⁹ Embora reconheça-se que a forma ortográfica faça parte, também, da face formal das construções, adota-se, neste trabalho, uma separação desses atributos, o que permite, em última instância, basear o argumento analítico aqui arrolado.

semelhantes. Por exemplo, em diversas variedades do PB¹⁰, palavras como *mas*, *três*, e *nós* apresentam realizações com ditongo decrescente seguido de uma fricativa pós-alveolar ([ʃ]), incorrendo os falantes a estabelecimentos analógicos entre palavras que compartilham características fonológicas, mesmo quando suas representações ortográficas são diferentes.

De mesmo modo, a figura a seguir contempla as ocorrências envolvendo a vocalização do fonema /l/ em posição de coda silábica (seja em fronteira de sílaba (\$) ou em final de vocábulo (#)), ilustrando, portanto, a organização diassistêmica dessas relações constructionais entre o campo fonético e ortográfico ao estabelecerem vínculos analógicos e compartilhamento de propriedades.

Figura 4 – Proposta de diassistema de /l/



Fonte: Elaboração própria.

Importa mencionar, em complementariedade, que as construções mais abstratas propostas neste trabalho não correspondem a construções sintático-lexicais dotadas de significado referencial próprio, mas a construções fonológico-grafemáticas. Nessa perspectiva, o polo funcional não corresponde à expressão de um conteúdo semântico específico, mas à convencionalização de um padrão de correspondência entre representações fonológicas e grafemáticas mobilizadas durante a produção escrita. Em outras palavras, já que “os esquemas fonológicos podem instanciar [...] uma função estrutural-organizacional” (Leite; Soares, 2026, p. 8), a função dessas construções

¹⁰ Tendo em mente que a hipótese aqui sustentada deriva de uma noção construcional diassistêmica, certifica-se, é claro, que os falantes do estudo têm influência de experiências (socio)linguísticas com outros dialetos, o que aponta para a riqueza de detalhes e entradas de dados para o *constructicon*.

consiste em licenciar um modo recorrente de representar oral e graficamente determinadas sequências fonológicas. Assim, a relação entre forma e função permanece preservada, embora a função seja compreendida em termos de realização ortográfica, e não de conteúdo proposicional.

De um ponto de vista analítico e epistemológico da interação entre oralidade e escrita, as figuras sintetizam, didaticamente, um princípio central da GCD: a não compartimentalização do conhecimento linguístico. Isso porque as experiências de leitura e escrita fortalecem determinadas conexões na rede, ao mesmo tempo em que os padrões da fala influenciam a forma como os falantes categorizam e processam sequências gráficas. Dito de outra forma, as palavras encontradas pelos autores em análise relacionam-se na rede devido à proximidade de suas realizações fonéticas em determinadas variedades — ou analogia, em termos teóricos.

Além disso, o mapeamento arquitetônico aponta para a premissa de que a escrita, não sendo uma simples transcrição da fala, constitui uma modalidade de construções que interage constantemente com as construções fonológicas. As linhas que conectam os diferentes nós mostram esse compartilhamento de informação entre os níveis gráfico e fonológico, o que é compatível com a proposta da GCD de uma gramática multidimensional, na qual diferentes variedades, modalidades e sistemas de representação coexistem em uma mesma arquitetura cognitiva.

No cerne da discussão aqui apresentada¹¹, sinaliza-se que os padrões ortográficos e fonológicos são armazenados em uma rede única de construções a partir da experiência contínua dos falantes para com a língua, via memória rica, sendo compatíveis com uma hipótese de organização diassistêmica das representações fonológico-grafemáticas. Desse modo, o impacto fonético-grafemático, aqui reanalisado, é resultante de associações construídas pelo acúmulo de experiência frequente, não só com a língua falada, como também com a língua escrita ao longo do uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹¹ As redes propostas pretendem demonstrar a existência de representações diassistêmicas ao propor uma hipótese compatível com os padrões observados no *corpus* e com os pressupostos da Gramática de Construções Diassistêmica.

À luz da esteira analítica da GCD, os dados reforçam a premissa teórico-analítica de uma abordagem baseada no uso, segundo a qual as experiências adquiridas pelos falantes impactam as representações cognitivas por eles abstraídas, o que, conforme argumenta-se, pode mobilizar os reflexos da oralidade nas práticas de escritas, sobretudo em estágios ainda incipientes. Por isso, a perspectiva construcional diassistêmica adotada neste trabalho entende que esses fenômenos resultam da interação construcional competitiva, os quais se subjazem pela qualidade e quantidade de experiência com o *input*.

A GCD, enquanto arcabouço teórico, permite aos linguistas um novo olhar para (re)interpretar os dados para além das explicações tradicionalmente associadas à interferência fonética, compreendendo os padrões observados como manifestações de relações estabelecidas entre construções presentes em um único *constructicon*.

Esta análise, desse modo, permite hipotetizar que as formas convencionais da escrita e as realizações associadas à oralidade podem ser concebidas, conforme se propõe, como idioconstruções vinculadas a diferentes contextos de uso, mas relacionadas por esquemas mais abstratos compartilhados capturados pela macroconstrução (diaconstrução). Dessa maneira, a coexistência de grafias como *três* e *treis* não representa simplesmente a oposição entre forma correta e forma incorreta. Trata-se, também, da coexistência de padrões associados a experiências linguísticas probabilisticamente distintas, mas cognitivamente (inter)conectadas.

Essa interpretação vai ao encontro do entendimento do porquê de determinadas ocorrências surgirem de maneira relativamente sistemática em diferentes falantes, contextos e práticas sociocomunicativas. Esse processo tem suas raízes fincadas no fato de que, em vez de serem encaradas apenas como desvios ortográficos estanques, elas assumem um papel de evidências da heterogeneidade constitutiva da gramática internalizada e do papel desempenhado pela experiência linguística na organização do conhecimento dos usuários da língua.

Embora o *corpus* utilizado seja reduzido e derivado de uma investigação sociolinguística prévia, as discussões aqui arroladas podem fornecer, eventualmente, subsídios interessantes para a noção de que os fenômenos fonético-fonológicos observados na escrita, como é o caso da ditongação, parecem refletir a interação entre gramática e uso. A análise desenvolvida sugere, despretensiosamente, que as ocorrências

configuram manifestações fiéis dos PCDG, os quais atuam com, sobre e para linguagem; melhor dito, para as construções armazenadas e advindas de diferentes entradas (oral ou escrita) em uma única rede linguística integrada.

Além de contribuir para a compreensão da interface entre oralidade e escrita no PB, os resultados apresentados abrem caminhos para investigações futuras. Estudos posteriores poderão ampliar o escopo empírico da análise por meio da incorporação de *corpora* mais extensos e diversificados, contemplando diferentes faixas etárias, níveis de escolarização, variedades dialetais e contextos de letramento, verificando, possivelmente, em que medida os padrões aqui identificados se mantêm estáveis ou variam em função de fatores sociolinguísticos e experiencialmente motivados.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 2006.

BYBEE, Joan. [2010]. *Língua, Uso e Cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

CALLOU, Dinah Maria Isensee. Um perfil da fala carioca. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 130-152.

DIESSEL, Holger. *The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FREITAS JR., Roberto de; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; SILVEIRA, Vitor Luiz Vieira da. A gramática de construções diassistêmica: um modelo aquisicional baseado no uso. *Revista de Estudos Linguísticos (RELIN)*, v. 2, 2022.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOODY, Jack. *The Logic of Writing and the Organization of Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and Its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019.

HÖDER, Steffen. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; GABRIEL, Christoph (orgs.). *Multilingual individuals and multilingual societies*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 241–258.

HÖDER, Steffen. Constructing diasystems: grammatical organisation in bilingual groups. In: ÅFARLI, Tor A.; MÆHLUM, Brit (orgs.). *The sociolinguistics of grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 137–152.

HÖDER, Steffen. Grammar is community-specific: background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In: BOAS, Hans C.; HÖDER, Steffen (org.). *Constructions in contact: constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2018. p. 37–70.

HÖDER, Steffen. Phonological schematicity in multilingual constructions: a diasystematic perspective on lexical form. *Word Structure*, v. 12, p. 334–352, 2019.

HOFFMANN, Thomas. *Construction Grammar: The structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: University Press, 1987.

LEIRIA, Lúcia Lovato. *A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/*. Porto Alegre: Organon, 2000.

LEITE, Matheus Esteves; NASCIMENTO, Fabiane de Mello Vianna da Rocha T Rodrigues do. Da fala à escrita: a ditongação em sílabas com coda preenchida por /S/ ou /l/. *Democratizar*, v. XVII, n. 2, p. 136-151, jul./dez. 2024.

LEITE, Matheus Esteves; SOARES, Lia Abrantes Antunes. Fonologia Construcional? Para além de uma unilateralidade formal. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 20, n. 45, p. 1–31, 2026.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MELLO, Vera Helena Dentee de. *Formação de ditongo em sílaba travada por /S/ na linguagem coloquial gaúcha*. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; LOUREIRO, Fernando. Aportes sociolinguísticos à alfabetização. In: RONCARATI, Cláudia; ABRACADO, Jussara (org.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008. p. 223–228. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br>. Acesso em: 15 maio 2026.

MORAIS, José. Phonological Awareness: A Bridge Between Language and Literacy. In: SAWYER, Diane J.; FOX, Barbara J. (eds.). *Phonological Awareness in Reading*. vol 28. New York: Springer, 1991. p. 31-71.

MORAIS, José; KOLINSKY, Régine. Psicolinguística e leitura. In: MAIA, Marcus. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 129-141.

OLSON, David R. *The World on Paper: The Conceptual and Cognitive Implications of Writing and Reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ONG, Walter J. *Orality and Literacy*. Londres: Routledge, 1982.

PERFETTI, Charles A. Reading ability: Lexical quality to comprehension. *Scientific Studies of Reading*, v. 11, n. 4, p. 357–383, 2007.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do Sistema Alfabético do Português Brasileiro*. Florianópolis: Editora Lili, 2023.

SEARA, Izabel Christine de; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer: Fonética e Fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SOARES, Lia Abrantes Antunes. *A emergência de um sistema de competidores: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários*. 2018. 160 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TREIMAN, Rebecca. Learning to spell: Phonology and beyond. *Cognitive Neuropsychology*, v. 34, n. 3-4, p. 83-93, 2017.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: Findings and problems*. 3. ed. Berlin: Mouton, 1964.

Recebido em: 29/06/2026

Aceito em: 29/07/2026

Matheus Esteves Leite: mestrando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).